

J. Braga - 129

1640-1899

A ACADEMIA DO LYCEU CENTRAL  
E ESCOLA DISTRICTAL DE BRAGA



em commemoração da  
data inolvidavel de 1640



BRAGA — Typ. de J. M. de Souza Cruz  
EUA NOVA DE SOUZA

MDCCLXXIX

1640-1899

—  
COMMEMORAÇÃO

DA

DATA INOLVIDAVEL DE 1640



*Commissão do Lyceu Central*

**Presidente**

*Domingos da Costa*

**Vice-Presidente**

*Gaspar Correia Carneiro*

**Secretario**

*Francisco Barbosa de Brito*

**Vice-Secretario**

*Agostinho Luiz Rodrigues Lima*

**Thesoureiro**

*Miguel Pereira da Silva Fonseca*

**Vice-Thesoureiro**

*Alberto Fernandes Lopes de Sepulveda*

**Vogaes**

*Justino de Barros e Sá Gomes  
Abilio Candido Roriz d'Azevedo  
Antonio Ribeiro Cardoso da Silva  
D. Antonio d'Almeida  
Manuel Augusto de Vasconcellos Pereira  
José da Costa Silva Leitão  
Casimiro da Piedade  
José Joaquim d'Antas de Barros  
Joaquim da Costa Carneiro*

*Commissão da Escola Districtal*

**Presidente**

*Armenio Augusto de Lyra*

**Secretario**

*Francisco José Fernandes Braga*

**Vice-Secretario**

*Antonio A. Pereira Vianna*

**Thesoureiro**

*Francisco Martins da Maia*

**Vice-Thesoureiro**

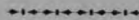
*José Pereira Gomes de Miranda*

**Vogaes**

*Joaquim Francisco da Costa  
Augusto da Costa Carneiro  
José Francisco dos Santos  
Henrique M. Monteiro de Mattos  
José Ferreira Amado  
Bernardino Fernandes Leite  
João Manuel de Souza  
Antonio Joaquim Rodrigues  
Manuel José Dias*



# SUMMARIO



*Surgat!...* A Comissão — *Coincencias*, Pereira Caldas

*A Portugal e á Academia*, Zulmira de Mello — *Portugal nos paroximos da morte*, Joaquim José d'Oliveira

*Flores e fructos*, M. Capella — *Parallelo*, Domingos da Costa (Barrocas)

*1.º de Dezembro de 1640*, Carlos Braga — *Um brado sincero*, A. F. Villas-Boas

*Restia...* Abel de Freitas — *1640*, Conego Oliveira Bouças, — A. C. — *As duas irmãs*, Silva Gonçalves — *1640*, Antonio de Fontes

*Pro patria*, A. Coimbra — *Patria!* Sá Gomes — *Os heroes de 1640*, Abilio d'Azevedo

*Pro patria omnia pati*, L. d'Araujo — *A Historia*, Miguel Fonseca

*O dia 1.º de Dezembro*, Arnaldo Braz

*O valor d'Ellas*, Francisco Pinheiro Torres — *Portugal e a Restauração*, Placido Lamella

*Portugal!*, Conego Miranda — *1.º de Dezembro*, Delfim Esteves — *As duas infelizes*, Corrêa Gil

*Deus, Patria e Rei!*, Antonio Francisco Augusto Junior — *Inconvenientes da Historia*, Baptista Ribeiro

*O dia 1.º de Dezembro*, Domingos Correia — *1640*, A. Soucasaux.

Aos exc.<sup>mos</sup> srs. que tão generosamente accederam ao convite que lhes fez a Academia para a collaboração d'este numero, agradece reconhecidissima

A Comissão





## SURGAT!...



UÃO glorioso e florescente foi para nós o passado, quão triste, e vergonhoso até, é para nós o presente.

Passaram-se uns bons cem annos sem que Portugal tenha mostrado (a não ser nas ultimas victorias d'Africa) aos seus vindouros de que tempera foram os seus antepassados. Não é porque nos peitos verdadeiramente portuguezes não gire ainda o sangue de seus avoengos, nem porque no seu coração não palpita o sentimento de *amor da patria*.

Não é, oh! Patria, porque a alma de teus filhos não sinta o verdadeiro amor por uma mãe, nem tão pouco porque te queiram escravisar!

Bem deves saber, oh! Patria, porque seja. Dever-te-has lembrar, que, outr'ora, eras rica e poderosa e ao mundo inteiro leis davas; hoje, pobre e decadente, do mundo inteiro as recebes. Mas nós, a mocidade estudiosa, auguramos-te um futuro brilhante, oh! Patria, como foi o passado em D. João I e D. Manoel, como o foi em o Infante D. Henrique e Vasco da Gama; os filhos de Minerva e teus filhos mostrarão ao mundo inteiro que, um dia, te levantarás do lodaçal onde te lançaram, e que no peito verdadeiramente portuguez ainda pulsa, e com a mesma violencia, o sangue dos seus antepassados, dos verdadeiros heroes, dos militares ousados, e dos primeiros navegadores do mundo, obreiros da sciencia e da civilização.

Salvé Patria! Salvé heroes de 1640! Salvé luzos peitos!

A Comissão.



## Coincidencias

«..... com fama e gloria  
..... pendentes da victoria»

CAMÕES — c. I. E. 25 — *Lusiadas*.

I — Foi n'um *sabbado* em 1640, (sendo então o *dia inicial* do mez de Dezembro), que os nossos maiores conquistaram de novo a *autonomia patria* — desacorrendo-a das gargalheiras dos reis tyrannetes de Castella.

Fôra a *fé* que os arrojára a esse feito assombroso, e só e unicamente a *fé*; pois aos nossos maiores nunca poderia esquecer, *com a educação que tinham*, a promessa de Deus ao seu povo dilecto, expressa na BIBLIA no *Levitico*, (Capit. XXIII Versic. 24):

«*Prima die mensis, erit vobis sabbatum, memoriale, clangentibus tubis, et vocabitur Sanctum: — (O primeiro dia do mez será para vós o sabbado, memoravel pelo soar das trombetas; e chamar-se-ha sancto descanso.)*»

II. — Havia porém mais que esse *promettido sabbado* — (esse vaticinado descanso das tyrannias soffridas) — e que os nossos maiores tinham ainda por alvo flammejante da sua *fé*, «vivissima como luz esplendorosa».

E era esse *alvo galvanisante* a correlata *Exhortação da Egreja Catholica*, exarada pelo Apostolo S. Paulo em sua *EPISTOLA aos Romanos*, (Capit. XIII. Versic. 11):

Et hoc scientes *tempus*; quia *hora* est jam nos de *somno* surgere: nunc enim *propior* est *nostra salus*: — (E practiquemos isto, sabendo que é *chegado o tempo*; que é *já hora de nos levantarmos do somno da indiferença*: pois *agora está mais perto a nossa salvação*).

III. — Galvanisados assim os nossos maiores pela *fé*, não é para maravilhar por isso, que a sua *esperança* lhes fosse coroada completamente pela Providencia — a ponto de podêmos exclamar como o *Camões* nos *Lusiadas*, (Cant. III. Est. 115):

..... a memoria  
nunca no mundo viu tam gran victoria»

Braga, 1899.

O Decano do Lyceu, Pereira Caldas.



## A Portugal e á Academia

Patria! Patria! accita as flores  
Que se me enredam na lyra,  
Accita os cantos, as dôres,  
De quem só geme e suspira.

Portugal festeja o dia  
Da sua restauração;  
Acclamações de alegria,  
Resoam pela amplidão.

Junquemos o chão de rosas  
N'este dia festival!  
Honra ás quinas gloriosas!  
Hosanna por Portugal!

Que em vossas fronte altivas,  
Vos sorri sempre a esp'rança;  
Que o echo dos vossos vivas,  
Chegue á Casa de Bragança!

*Zulmira de Mello.*



## Portugal nos paroxismos da morte

**P**ORTUGAL, minha amada patria, regaço das minhas venturas e berço da minha infancia, detem teus passos, não te precepites no abysmo. Despreza esse egoismo engrimpado, que te enerva, essa icoria de vaidade, que te prostra. Deixa essa civilização umbratica, que nada vale, e abraça e beija a verdadeira civilização, que se nos apresenta graciosa, apontando-nos o caminho bemdito do progresso!

Aspira o patriotismo, que se evolva do tumulo de teus filhos, os quaes sensibilisavam o mundo inteiro, ora com esplendorosos feitos militares, ora com fecundissimas producções do genio, hosannas harmoniosas, que cimentam os alicerces d'uma verdadeira *nacionalidade*, canticos bemditos que aquecem o sangue juvenil, porque solemnisam feitos indeleveis, porque engrinaldam a fronte de heroes sem par.

Reage, oh meu querido Portugal, reage, energicamente, aos embates do grosseiro materialismo, que nada explica. Mas, para que n'este combate a tua fronte seja coroada de loiros, toma como egide a virtude, que haurirás na doutrina suavissima de Jesus, doutrina onde o pobre vae a buscar allivio para as suas miserias, e o rico balsamo para as suas dôres; onde a mãe vae a buscar consolação para as suas maguas e o filho a norma para a sua vida; onde o poeta afina a sua lyra e a virgem concentra o seu amôr. Sorve, sorve o licôr aromati-

co e delicioso, que dimana de tão puro e abundante manancial e, assim, eu não te verei nos paroxismos da morte, nem caminhar, tremulo e vacillante, na vanguarda da civilização e do progresso. E, assim, eu não te verei agonizante, como outr'ora, em 1580.

Então, teus gemidos d'agonia echoaram por todo o mundo, que, por assim dizer, havia estado sob o teu poderio colossal. Porém, teus judiciosos filhos não te deixaram agonisar. Moveste-os, d'um modo verdadeiramente magico e surprehendente, ao cumprimento d'um dever, quando, em 1640, lhes dirigistes, do teu leito de dôr, um sorriso, cheio de meiguice e de supplica. Foi então que elles, os destemidos netos de Marte, se foram ao teu leito, ergueram-te, beijaram-te a fronte e disseram-te: «estás livre, és independente». Hoje, porém, veem-te estrebuchar, n'um leito bronzeado, quasi identico ao de 1580, e escarnecem-te e olham-te com desprezo, porque, do seu espirito, já não se effundem raios de patriotismo, mas n'elle fervilham ideias avançadas; porque no seu coração, já não se encontra estampado o caracter dos heroes d'outr'ora, mas encontram-se, em desenvolvimento, os sentimentos mais abjectos e degradantes.

Braga, 22 — 11 — 99.

*Joaquim José d'Oliveira.*



## FLORES E FRUCTOS

**P**ELA floração da vinha augura já da colheita o lavrador; e mais da flor ao fructo, quantos accidentes e sobresaltos!

Floração da patria é a mocidade, que tanto lhe póde render afinal a raça forte dos homens de 1640, como a turba anonyma dos que de si não deixam rasto no passar pela vida: *fuert, quasi non essent.*

Inteiramente da mocidade não é a culpa, se tal succede, nem por ventura dos vinhateiros: estações irregulares, mal dos tempos.

Maior praga que a dos Philippes esta se me affigura, pois nos fere de morte no orgão mais delicado da vida social; sem o que nunca viver haverá, senão morte lenta o corpo da nação.

Boas são festas para quem saúde desfructa e cabedaes; para enfermos porém, melhor servirá novo tractamento dietetico e cautella, que aliás a ninguem faz mal.

Folgue a mocidade portugueza com o 1.º de Dezembro, que na quadra dos folguedos lhe sorri agora a vida; folgariamos todos mais e melhor se a vissemos, anno a anno, medrar no vigor masculino que o sangue generoso e forte dá ao coração, e n'aquella Fé inquebrantavel do velho Portugal,



que por essas plagas fóra do Oriente lavrou fundo o sulco das futuras grandezas da patria.

Isso é que seria festa!

Livre-nos de inferniços de alma e corpo, scepticos aos 17 annos, flores crestadas antes do tempo.

Flores sem fructo, pobres flores.

*M. Capella.*



## PARALLELO

Andrajoso, sem lar, sem pão, sem ninho,  
Sob o pezo dos annos opprimido,  
Seguia um pobre velho seu caminho,  
Como da sua Patria um foragido.

Caminhava... e de tanto caminhar  
Pela estrada escabrosa que seguia,  
Qu'a fronte se lhe faz p'ro chão curvar,  
De forças já exausto que se via.

A meio do caminho este encontrara  
Uma velha, de passo firme, equal,  
Qu'ao pé d'elle ao chegar, lhe perguntara:

— Quem és tu, que t'opprime tanto mal?  
— Sou aquelle q'outr'ora me tornara  
Das nações destemido — Portugal!

Braga, 26 — 11 — 99

*Domingos da Costa (Barrocas)*  
Academico do Lyceu.



## 1.º de Dezembro de 1640

**F**AZ bem retemperar o espirito, no meio das luctas inglorias da sociedade d'hoje, contemplando a figura austera e serena d'aquelles heroes antigos, que brilham, triumphantemente, nos fastos da nossa Historia!

Como é mesquinha e pequenina a politica dos nossos dias!

Como era grande, alevantada e nobre a politica de outros tempos, em que em cada cerebro se sentia palpar uma ideia e em cada coração pulsar um sentimento!

D'antes, era o amor da patria, o affecto arreigado

por este abençoado torrão, que a todos nos viu nascer, e que impulsionava o braço forte dos nossos antepassados!

Hoje, é uma questão de interesse pessoal, é uma questão de — *tira-te tu, que me quero eu pôr* — o que agita, profundamente, as massas sociaes e o que as força, tantissimas vezes, a postergar os mais sagrados interesses da nação!

1640!

1899!

*Quantum mutatus ab illo!*

*Carlos Braga.*



## UM BRADO SINCERO!

**Q**UANDO o infante D. Henrique, um novo, então, que estava destinado para ser uma das maiores glorias da patria, convidava soldados e fidalgos, nas provincias do norte d'este paiz, para guarnecer a esquadra, que reunira no Porto, afim de partir para Lisboa a unir-se com outra, que seu irmão, o infante D. Pedro, ali formava nas aguas do Tejo, e largarem, mar em fóra, para a arrojadissima empreza da conquista de Ceuta, apresentou-se-lhe um soldado velho, Ayres Gonçalves de Figueiredo, de noventa annos, e em cuja alma vibrava o entusiasmo pelos esplendores da religião e pelas glorias da patria, armado com a sua espada, que já se havia tornado distincta na batalha do Salado; e, prompto para partir, fosse para onde quer que fosse, que o rei e a patria reclamassem a sua actividade, animava os novos, e enthusiasmava a todos pelo seu exemplo e pelo seu arrojo!

Lembrou-me este facto da nossa historia patria, quando recebi o honroso convite da briosa academia do Lyceu Central de Braga para que eu collaborasse com ella na celebração do 259 anniversario da nossa gloriosa independencia nacional em o dia primeiro de dezembro.

Um velho, que fechou o seu curso de preparatorios em o Lyceu de Braga, ha 42 annos, e aonde a academia sempre se distinguiu n'estas manifestações de jubilo nacional, sentindo estuar-lhe nas veias o sangue quente de um portuguez de lei, não podia esquivar-se, sem que fosse contrariado, a infleirar-se n'esta sympathica phalange de novos, a quem amanhã serão entregues os destinos da patria, e bradar-lhes com todas as potencias da sua alma: — Sus! sympathicos moços! Não haja um minuto de desalento! E assim como os nossos heroes de Aljubarrota, em pleno seculo xiv, bradavam: «Viva S. Jorge e Portugal! — e assim como o nosso immortal Vasco da Gama, ao transpor o Cabo da Boa Esperança, em pleno seculo xv, animava os seus arrojados marinheiros com este brado: «Viva a Cruz e Portugal!» — nós todos, novos e velhos, animados por este fogo sa-

grado do amor da patria, a quem devemos o sangue e a vida, exclamemos tambem, n'este pôr do seculo XIX, e promptos para tudo:— Viva a Religião e a Patria! Viva a independencia de Portugal! Viva a integridade do nosso paiz! Viva a briosa academia bracarense!

Roriz e Quiraz, 14 de Novembro de 1899.

*A. F. Paes de Villas Boas*  
Abbade.



## RESTIA . . .

Era pela noite alta, escura,  
Que, pallida e fria,  
Debil uma luz de ternura,  
A mêdo, rompia,

D'entre nuvens de parda côr  
Que se pareciam  
A manchas, cuspidas no alvor  
De vidas, que enchiam,

Como que em sonhos de loucura,  
A correrem mundos,  
A tantos peitos de bravura,  
De alta gente oriundos.

Frouxa e languida se esbatia  
N'um solo d'amor,  
Como quem já se despedia  
D'um povo d'ardor! . . .

Passam dias e noites d'estas  
D'almas ensombrar,  
Quando, com o rumor das festas,  
De tom de alegrar,

Outras volvem d'uma luz viva  
Que se espadaneja  
Por sobre a sombra fugitiva,  
Que jamais negreja

No fulgurante azul dos ceus,  
Para após deixar  
Os luzos, co'as bençãos de Deus,  
Além caminhar.

A luz que, a mêdo, então, rompia  
P'la amplidão escura,  
Os lysios ceus de novo enchia  
De lêda fulgura.

Pois, dominando a densidão  
Das nuvens sombrias,  
Illuminava toda a extensão,  
Dos mais bellos dias,

A pompa, depois, revestindo,  
No seu esplendor . . .

A Lysia, desde então, cobrindo  
De incendiado ardor.

*Abel de Freitas.*



## 1640

**D**ATA memoranda nos annaes da nossa epica e gloriosa historia! Recordal-a festivamente, é um dever sagrado que se impõe aos corações Portuguezes!

\*

O desastre nacional d'Alcacer-Kuibir sepultou, nos ardentes areaes da lybria, os valentes e destemidos prisioneiros da civilisação occidental, heroes das conquistas d'alem-mar, e com o eclypsar das nossas grandezas um desalento mortal nos prostra, pesados grilhões de tyrannia algemam os pulsos do leão vencido depois d'uma lucta profiada, medonha!

Então, uma tempestade d'infortunios immensos como a profundeza da desgraça, desencadeou-se nos Céos d'esta Nação que dictou leis ao mundo, e o estrangeiro, usurpando, depois do desastre do Prior do Crato em Santarem, os sellos do Estado, escravizou-nos, e doido por ter realisado o seu sonho de 4 seculos, arremessou vituperios sobre a nossa desgraça, polluiu as paginas da nossa historia, tentou abastardar a lingua que se amoldou aos canticos do genial Propheta da nossa desgraça, pôz em leilão as joias da nossa riqueza, expôz-nos finalmente á irrisão das nações!!

Foram 60 longos annos d'um captiveiro atroz, annos de martyrio lento, frio, pesadissimo, annos de expiação!

O calix d'amargura trasbordou!!

Um viver assim, arrastando grilhões d'ignominia, era peor que mil mortes . . . e o povo Portuguez, accordando lentamente de tão pesado



somno, leu os canticos do Epico immortal e sentiu-se rejuvenescer!

Contemplou-se escravo e a vergonha ruborisou-lhe as faces!!

Olhou em roda e viu os instrumentos do supplicio tintos de sangue generoso, tanta vez derramado no campo da honra!

Ouviu os lamentos das mães, as queixas das viúvas e os gemidos da orphandade!

A desgraça e a tyrannia accendeu a vingança que era santa e justa!

O dilemma appareceu claro: «Ou viver sem honra e sem nome, ou morrer gloriosamente n'uma lucta desigual que redimisse um passado de vergonha».

\*

D'esta situação tirou força o glorioso Portugal que se desentranhou em energias masculas, que se levantou gigante para despedaçar n'um dia os grilhões forjados durante 60 annos.

Então, ouviu-se um grito que foi uma alleluia redemptora, um hossana de salvação:

«Liberdade! Liberdade!» — e Portugal resurgiu.

Adaúfe, 22 — XI — 99

*Conego Cliveira Bouças.*



**D**E não sei se estas annuaes manifestações dos rapazes no dia 1 de dezembro correspondem a um imperativo exigente de amor patrio, ou exteriorisam apenas uma natural expansão de espiritos irrequietos pela memoria dos homens de boa vontade, que fizeram 1640.

Seja, porém, como fôr, o que é certo é que a festa, tendo adquirido fóros tradicionaes, merece as sympathias, quando não os respeitos de todos, e visto que deve ser, mais ou menos, a manifestação d'um estado de alma diametralmente opposto ao snobismo internacional da ultima hora.

Isto basta para se prestar boa acolhida á commemoração da velha data, que é justo saudar, quando não por outros motivos, ao menos por ter celebrado o nome d'uma linda e energica mulher, como foi D. Luiza de Gusmão.

A. C.



## AS DUAS IRMÃS

—\*—

A nossa irmã Hespanha  
Quando nos viu cahir  
Em Alcacer-Kibir  
Teve pena tamanha,

Que disse lá com ella:  
«Eu trato-a como filha  
E é uma joia que brilha  
No reino de Castella!»

E o patrimonio todo  
Que tinha Portugal  
Ia-o levando a rodo.

Não foi mãe. Foi madrasta.  
A irmã, levando-o a mal,  
Disse-lhe um dia — «basta...»

*Silva Gonçalves.*



# 1640

—\*—

○ anno de 1640 ficou assignalado nas paginas da historia por um d'estes feitos que a posteridade nunca poderá esquecer. O povo portuguez, que jazia agrilhoadado ha sessenta annos, levantou-se, e, n'um impeto leonino, despedaçou as cadeias, dando ao mundo um exemplo de tão levantado patriotismo, de tão grande heroicidade que sempre causará assombro.

Filippe IV — O grande — (ironia do destino) viu o seu orgulho abatido em frente das gloriosas quinas, que para sempre imaginava extinctas, e tremeu diante d'esse povo que elle julgava morto. Mas a alma portugueza, a alma dos heroes, fez reviver essa bandeira sagrada, sahida candida e pura da lama para onde Philippe II a tinha lançado pela tenção d'alguns portuguezes vendidos ao oiro castelhano. Um somno de 60 annos!

Profundo lethargo para o despertar ser mais glorioso!

E, no dia 1.º de Dezembro, ao repique festivo dos sinos, a multidão soltando vivas a D. João IV, apupava um cadaver, o corpo do renegado Miguel de Vasconcellos, emquanto que lá em cima, n'um puro ceu azul, a bandeira portugueza tremulava ao ridente sol da liberdade.

Hoje, data gloriosa para os portuguezes, a moci-



dade estudiosa, os patriotas sublimes, não esquece as gloriosas tradições da sua nação, e levanta um brado de entusiasmo, saudando os quarenta titans que dormem nos seus tumulos de granito o somno eterno dos heroes.

*Antonio de Fontes.*



## PRO PATRIA

1640

**D**ESDE muito tempo que se preconisa, como ultima formula politica de salvação publica — o desenvolvimento e progresso das nossas colonias.

Mas em geral, salvo raros rasgos gloriosos dos nossos militares, e missionarios, como D. Antonio Barroso, aquelle thema é uma ironia pungente, um espectáculo doloroso e triste perante a civilisação do mundo. Somos um povo de colonias sem marinha, sem commercio externo, e a industria começa a alvorecer quando a concorrencia dos grandes mercados se acha bem segura de a suffocar.

Carecemos de independencia economica para termos liberdade civil e politica.

Aprendamos, pois, a ser emprehendedores perseverantès e decididos com os heroes de 1640, aproveitando as energias do passado em funcção das aspirações do presente e do futuro.

A reversão á fé dar-nos-ha firmeza, tradições como a da 1640 estimulos, e a necessidade do presente coragem para compellir os enormes embaraços que a nossa incuria e prodigalidade tem creado. Parece que é destino nosso procurar salvação junto do abysmo da miseria, e, só então, acordar d'um lethargia que nos arrasta e deshonorra. Não nos deixemos cahir, descer a tanto.

Saudemos os restauradores com obras dignas d'elles, e, quando o coração se elevar n'um *sursum corda* junto de Deus para festejar a mais pura e grandiosa gloria da historia do mundo, que a consciencia nos diga que somos dignos filhos de tão nobres ascendentes.

Porto, 15 — 11 — 99.

*A. Coimbra.*



## PATRIA!

Nasceu um dia alegre e sorridente  
Em que os teus labios brancos descorados  
Se tingiram no sangue d'um nascente  
Que te corou a fronte de brocados,

E, nós, oh! patria minha, que lembrados  
Dessa luz passada, inda resplandente,  
Esquecemos o que és, e com mil brados  
Accordamos a gloria já dormente,

Tambem com a nossa alma e nosso sangue  
Daremos alento ao teu corpo exangue,  
Que pouco e pouco, se dilue nas trévas

E, então, póde ser, oh! patria amada,  
Que para ti desponte outra alvorada  
Que tu em paginas d'ouro nos descrevas!...

Braga, 1899.

*Sá Gomes*  
Academico do Lyceu.



## OS HEROES DE 1640

**F**AZ hoje 259 annos que os nossos antepassados começaram a obra grandiosa que havia tanto tempo lhes sorria ao espirito, e tripartiram assim os solidos grilhões que havia tantos annos nos ligavam á Hespanha.

Não ha portuguez, por mais frio que seja, ainda que tenha no peito um coração de gèlo, que se não orgulhe dos nossos antepassados!

E orgulha-se, porque se lembra que fomos fortes, e que um portuguez descendendo d'uns heroes como o foram os 40 conjurados, não póde, nem poderá jámais ser um fraco!

Junot, Sout e depois Massena, esses trez generaes de Napoleão, poderão dizer quanto vale um portuguez!

E se ainda com isto não ficarem convencidos aquelles que não creem na heroicidade e bravura dos portuguezes, que leiam o que disse Napoleão, esse vulto proeminente da Historia de França, que vejam o que esse grande general, que deu leis ao mundo sobre a arte da guerra, disse d'uma legião portugueza que tinha sob o seu commando!

Desde Viriato, o heroico pastor dos Hermínios, até aos recentes combates de Coollela e Manjacase, os portuguezes teem feito augmentar sempre e sempre o prestigio que teem entre todas as nações!

Até mesmo em Alcacer-Kuibir os portuguezes foram heroes, e foram heroes porque ainda que derrotados, portaram-se com denodo e bravura, e se perderam a batalha foi devido á inexperiencia do rei D. Sebastião, que, muito novo ainda, não era experimentado na arte bellica!

Os portuguezes nunca descançaram á sombra dos loiros colhidos nas batalhas, antes cada vez se empenhavam mais em manter o bom nome de Portugal, e, como já não tinham guerras, dedicaram-se aos descobrimentos.

Vasco da Gama, Fernando de Magalhães, Pedro Alvares Cabral, etc., á frente dos quaes se destaca o vulto gigantesco do Infante D. Henrique, vieram ao mundo mostrar de que tempera são os portuguezes!

Hontem os heroes da Independencia, hoje os heroes de Chaimite, e amanhã os descendentes d'estes heroes, mostrarão ao mundo que Portugal foi, é e será sempre um povo de valentes!

Braga, 1899.

*Abilio Azevedo*

Academico do Lyceu.



Pro patria omnia pati...

**N**UNCA são por demais celebrados os feitos de heroes que pela patria que os viu nascer expõem a vida e derramam o sangue até á ultima gotta.

D'estes porém, apontam-se de sobejo na historia d'este formosissimo mas malfadado Portugal. Quando, ha uns bons doze annos, abri pela vez primeira as paginas aurifulgentes d'essa historia, sem congeneres, em cada uma era surprehendido por uma prova de inconcusso valor, destemida heroicidade, louco patriotismo, sobresahindo por sobre todas a da gloriosa data de 1640.

Se d'um lado os precedentes historicos me segredavam que se tratava d'um povo a quem eram peculiares feitos d'esta ordem e que ao titulo de seus monarchas soubera, á custa de muito sangue, juntar com toda a precisão o de senhores do mundo inteiro, do outro a minha admiração subia de ponto, considerando attentamente a confessavel temeridade de um principe inexperiente e moço em sacrificar as primicias d'este reino nos extensos areaes d'Africa, alliado, para cumulo de desgraça, á especulação sordida e injusta d'um outro principe extranho e ambicioso.

\* \* \*

Forte, grande, Portugal querido, berço d'heroes! Estendeste teus dominios desde o occidente da Europa que o sol aquece ao mergulhar no oceano, até aos confins da Asia e principios da America, que teus ousados navegadores desencantaram do mundo desconhecido com a audacia imperterrita que o teu immortal Camões perpetuou na sua obra principesca — os «Luziadas».

Por longinquas terras soou o echo de tuas victorias, e perante as cohortes invictas de teus valentes soldados e as espadas flammejantes de teus bravos generaes o barbaro fugia de espanto e detinham-se promptamente os emissarios do visinho reino. Alargaste o dominio da verdadeira crença á medida que engrossavas o patrimonio de teus monarchas, e alliando com denodo a Cruz á espada, implantaste a Fé Catholica onde arvoraste o pendão das Quinas.

Por todos os continentes padrões de immorredoiria gloria attestam ainda o nome portuguez, que se nobilitava levando a civilisação e a crença a essas longinquas paragens, onde não mais esqueceram os primeiros navegadores e colonisadores, os primeiros obrerois da civilisação e do progresso e os primeiros missionarios da religião do Crucificado.

Soára porém a hora do infortunio no terrivel desastre de Alcacer-Kuibir, infligido ás armas que não tinham sabido render-se. Exhausto de forças onde o leão mortalmente ferido e victima de perfidos traidores, que, deslumbrados pelo ouro de Castella, esqueciam vergonhosamente os sagrados deveres que vinculam o homem á sua patria, foste reduzido a provincia de Hespanha!! Choravas então, Patria querida, a terrivel provação, e envergonhada lamentavas na obscuridade a tua hedionda miseria.

Quizeras rasgar a tua historia para não mais seres o ludibrio das gerações vindouras antes que o tempo fizesse desaparecer teu solo do quadro das nações briosas e independentes.

Recordavas na angustia a proverbial heroicidade de teus filhos, e a custo podias crêr que na patria de Viriato, Affonso Henriques, Egas Moniz, Alvares Pereira, Duarte Pacheco, Affonso Albuquerque, João de Castro e tantos outros «em quem puder não teve a morte», não houvesse ainda quem patenteasse ao mundo inteiro o «valor do peito illustre lusitano». «Minha patria quem sabe se ainda a ser grande outra vez volta-rás»?!

Sim! Nas veias de teus filhos circulava ainda aquelle sangue arterial e genuinamente portuguez que escrevera no Campo de Ourique a conta da nossa independencia e gloriosamente vertido em



Cerneja, Val de Vez, Salado, Aljubarrota, Valverde e mil outros feitos das armas luzitanas. Era mister um prodigio extraordinario, immenso, quasi infinito de bravura, coragem e patriotismo. Fal-o-hia um povo sugado até á medula pela usurpação e em taes vexações de estrangeiros famintos? uma nação tres lustros sujeita a um dominio despotica por cruel, e cruel por estranho? Menos, muito menos. Não um povo, não uma nação, mas quarenta homens, quarenta portuguezes da tempera dos d'Aljubarrota, desthronaram a tyrannia, apontaram ao rei intruso o caminho de Castella sentaram no throno um rei portuguez e escreveram com o sangue do degenerado a carta da nossa alforria!!

Salvé peito illustre lusitano!  
Salvé João Pinto Ribeiro!  
Salvé dia 1.º de dezembro de 1640!  
Salve querido Portugal!

Collegio de S. Damazo, 22 — 11 — 99.

*L. Araujo.*



## A HISTORIA

**V**OLVENDO OS olhos pelas paginas da historia do passado, somos surprehendidos pelo papel grandioso que Portugal desempenhou nos destinos do mundo. E não menos nos admiramos quando comparamos o esplendor da sua vida de outr'ora com o abatimento da sua existencia de hoje.

Acordemol-o, porém, do lethargo em que jaz, façamol-o voltar ao estado consciente, e digamos-lhe que é chegada a hora de seguir caminho, mas o caminho da vida activa, laboriosa e independente.

Agora que o nosso futuro naufraga no oceano dos arranjos e compensações internacionaes, que o nosso dominio colonial tende a desaparecer sob as garras do leopardo que n'este momento estrangula um povo tão heroico quanto sympathico, que a sociedade portugueza se encontra no ultimo periodo de decadencia . . . só a historia com as suas lições sublimes nos póde levar ao cumprimento do dever porque nos recorda os grandes feitos d'esses homens que nos elevaram ao apogeu da gloria, incita-nos a imitar o seu exemplo e accende em nós o fogo sagrado do amor da patria.

E' por isso que a data gloriosa do 1.º de dezembro de 1640, nunca é festejada em demazia, porque é d'aquellas lições uma das que mais

nos pódem aproveitar para se formarem os homens que tão necessarios são á patria.

Acordae, illustres filhos de Portugal! Vêde que temos um passado cheio de gloria e que uma nação de tradições tão nobres não deve morrer.

Um ultimo esforço e salvall-a-hemos! Attentemos no nome que nos legaram os nossos avós e mostremo-nos seus dignos netos.

Corramos a salvar a independencia de nossa patria que tão difficil foi de conquistar em Ourique, de defender em Aljubarrota e de restaurar em 1640.

Imitemos os heroes do 1.º de Dezembro, que n'elles encontramos os prototypos de honra, do dever e do patriotismo!

Braga, 26 de novembro de 1899.

*Miguel Fonseca.*  
Academico do Lyceu



## O dia 1.º de Dezembro

**S**EM poder contar a immensa alegria que se desprende da minha alma, tambem venho saudar este dia que se tornou memorando e faustoso para todo aquelle que sabe ser bom portuguez. Quem não sente pulsar violentamente o coração, agitar-se fremente o peito d'odio e indignação ao lembrar-se que fomos tyrannizados e espesinhados a mais não ser? Decerto ninguem!

Mas lembrem-se que houve heroes aos quaes é preciso tributar a memoria mais infinda; que houve martyres que sacrificaram gostosos a vida para com ella utilizar a fim benefico do salvamento da patria, e a todos esses é necessario erigir-se dentro do nosso coração um culto da mais eterna saudade e a homenagem do maior respeito. Portugal quebrou com energia as grossas algemas que o prendiam; saccudiu com denodo o jugo que o esmagava e coroadado de louros proclamou a sua independencia. Por isso olvido com este dia todos os ultrages anteriores, lavo com o esquecimento as feridas sangrentas d'opressão, curando-as com o balsamo da victoria e a reabilitação da patria amada.

Termino, levantando um viva caloroso e entusiastico á mocidade ardente e patriótica que commemora este dia festejando-o d'uma maneira brilhante.

Barcellos, Novembro de 99.

*Arnaldo Braz.*





## O VALOR D'ELLAS

**P**RIMEIRO de Dezembro! Acode logo ao meu espirito a figura insinuante e soberana de Fillipa de Vilhena, que ainda o sol não doirára as janellas do palacio, nem acordára a passrada de cabecita friorenta, escondida sob a aza fôfa e branda e já ella, mascarada n'um sorriso claro e cantante, as lagrimas que lhe punham pontos bacos nos olhos luminosos e brilhantes, cingira a espada a seus dois filhos D. Jeronymo e D. Francisco, e n'uma voz que fazia por tornar clara e segura (não fossem elles adivinhar a sua extranha commoção) lhes repetia como a lacedemonia «antes morrer em cima d'ella, do que deixal-a cahir». E n'um murmurio dôce lhes insinuava:

*Não pensem na minha sorte, pensem na sorte de Portugal. E' mais glorioso morrer pela patria, do que viver para vossa Mãe.*

Primeiro de Dezembro. Nas espiraes de fumo azulado que vae subindo do meu charuto desenha-se nitidamente a fôrma senhoril e grave de Marianna de Lencastre que na benção que lançou aos filhos mandando-os lutar em defeza de Portugal magoado, deixou ir n'essa benção amiga e boa, o coração todo esmagado, ao separar-se d'esses filhos que lhe eram mais queridos que os proprios olhos por onde os metterá no fundo do peito.

Primeiro de Dezembro! E ao recordar estas duas extranhas creaturas, eu penso logo em tí, Senhora dos meus olhos.

Se um dia este delicioso cantinho onde nasci, onde nascesteis, precisar da vida do vosso Noivo, deixae-o partir, deixae-o morrer pelo Paiz que o creou, que vos creou, Senhora dos meus olhos.

Que eu quero ao sentir despegar-se-me a vida do corpo, vêr n'esses olhos, não um olhar de saudade ou de magua, ou nos teus braços um gesto de quem me quer reter.

No instante supremo quero ver n'esses olhos que o Senhor me deu, um olhar de triumpho, quero ver na vossa bocca linda um sorriso de orgulho por verdes morrer tão bem aquelle que era o vosso amor e a vossa vida, Senhora dos meus olhos!

Braza, 1 — 12 — 99

*Francisco Pinheiro Torres.*



## PORTUGAL E A RESTAURAÇÃO

**D**IZIA Diodoro Siculo: *Entre os povos iberos os mais esforçados na guerra são os lusitanos.*

D'antes era na guerra que se conheciam as nações. Hoje é pela civilisação e pelo genio que se classificam os povos.

Portugal, este pequeno torrão, esta lingua de terra banhada pelas vagas do Atlantico, fertil como as nações mais ferteis, formosa como poucas nações formosas. foi outr'ora o objecto ambicionado

da maior parte dos povos independentes da peninsula iberica.

Nove povos de origem celtica habitaram a Lusitania antes da invasão romana.

Estes povos, democratas nos principios, governando-se independentemente, uniam-se e gritavam ás armas quando qualquer invasão lhe ameaçava a sua independencia.

Eram os Lusitanos.

Houve differentes invasões por povos de raças differentes.

Houve mil transformações politicas e sociaes até que a Hespanha legasse a D. Henrique uma parte da Lusitania, e o direito de conquistar aos mouros muitas terras das que formam hoje o velho Portugal.

Foi ahi que começou a nossa autonomia, a nossa independencia, e ahi que começou a nossa historia de atrocidades, como de heroismos. Digo atrocidades porque era pela força e pelo bandalismo que se conquistavam as nações; e heroismos porque poucas nações apresentam paginas só de glórias como attestam as que se referem ás nossas descobertas, á nossa civilisação.

Dizer o que eram os nossos reis, como conquistaram as nossas terras, como se fizeram temiveis, bastaria dizer que D. Affonso Henriques assaltava como bandido destemido ás fortalezas inimigas com a escada na mão e o punhal na bocca.

Passou-se a primeira dynastia, acabou-se a segunda e a Hespanha lançou sobre nós as suas garras insaciaveis como para se vingar d'um pequeno povo que se fazia temer por todo o mundo!

Era a Hespanha que dispunha á vontade de tudo aquillo que se chama portuguez. Eram os seus ministros que nos faziam seus vassallos, oprimindo-nos, roubando-nos os nossos direitos.

Durou 60 annos esta oppressão ignobil, este viver impossivel para um povo que possuia uma historia gloriosa.

Chegou o dia da regeneração, da independencia, e o povo insaciavel da sua autonomia, rasga e despedaça tudo o que se chama castelhano, aclama rei a D. João IV, entra pela Hespanha com um exercito puramente portuguez, e junto a Montijo n'uma batalha afrontosa entre portuguezes e castelhanos, é aclamado rei pelos sol d'acces o restaurador de Portugal — D. João IV.

Hoje portanto anniversario d'esse dia glorioso, d'esse dia que nos recorda a nossa emancipação de Hespanha, festejemos e saudemos os nossos brios de povo livre, sem que em nada posamos melindrar esse povo visinho, a Hespanha.

Ser livre é a gloria d'um povo!

*Placido Lamella.*



## POTUGAL!

**F**OSTE grande, verdadeiramente grande, quando ouvias a voz do teu Senhor, povo escolhido!...

Teus filhos guardavam em seu peito os sagrados thesoiros da fé, e cada soldado da patria era um apostolo fervoroso da verdadeira crença.

Os teus monarchas invocavam o rei supremo, e junto do altar depunham o sceptro da realza para escutarem a sua voz omnipotente.

As preces religiosas eram sempre preparativos da guerra, e os hymnos da victoria casavam-se com solemnes acções de graças aos favores do Altissimo.

Os teus guerreiros corriam alegres a sangrentas pugnas, e não desfalleciam deante do sangue de irmãos, porque era sangue de martyres.

E o Deus dos exercitos prodigalisava amparos á sua grei querida, e, n'um prodigio d'amor, patenteia-lhe as chagas da sua humanidade para serem o pendão da nacionalidade nascente.

E as hostes agarenas fogem espavoridas, e a bandeira lusitana, desenrolando o quadro estupendo da misericordia Divina, annuncia ao mundo a tua autonomia.

E os mares sujeitaram o seu dorso altivo ás quilhas das tuas armadas, e cerraram os abysmos ao arrojo sobrehumano dos teus navegadores.

E a Europa curvou-se deante do heroismo dos teus valentes, e a Africa, a Asia e a America vieram render-se ao verbo civilizador dos teus missionarios.

Os continentes desdobraram-se em amplos pergaminhos a apregoarem a tua nobreza, e a bandeira das quinas, aureolada com os nimbos da fé e do patriotismo, annunciava nos confins da terra os limites ao teu dominio!!!...

E o jugo potente do estrangeiro não pôde esmagar-te no coração a esperança da liberdade; o Altissimo, que provára tua fé em sessenta annos de desventura, vela pelo direito sagrado da tua independencia.

A luz bemdita do passado baixou ao escureto ergastulo onde gemias a illuminar-te o futuro; e, deante do altar, que synthetisava a epopeia da tua grandeza, reabraste alentos para os ultimos heroismos.

E ainda hoje as aras dos templos brilham com o ouro dos teus assombrosos triumphos, e as abobadas das cathedraes resoam os hymnos fervorosos do teu coração agradecido!!!...

Mas os echos saudosos do passado já mal se ouvem por entre os desconcertos da descrença e os pungentes clamores da miseria...

Á tua gloria de tantos seculos succedem longos dias de expiação n'um acervo de desgraças.

Assaltaram a herança preciosa dos teus antepassados e no auge do egoismo, no cumulo do desrespeito,

rasgaram sobre o seu tumulto venerando os titulos immoraldeiros da tua nobreza impolluta.

A tua corôa, cravejada com as perolas do Oriente e arregoada com o sangue de tantos martyres, calcam-na aos pés os verdugos da tua nacionalidade.

E os brados potentes da historia, a solemne defensora dos teus direitos, não bastam a conter a furia audaciosa dos exploradores da tua fraqueza!!!...

Renegaste a tua missão providencial, consentiste que a descrença enervasse a poderosa vitalidade dos teus filhos roubando-lhe do coração o nome de Deus e com elle o da patria!

A Cruz, que levou tuas hostes a longinquos continentes, que inspirou o valor dos teus guerreiros em duros recontros, que espancou as trevas da idolatria para sobre um mundo novo edificares o teu imperio — a Cruz, legado dos teus avós, symbolo do teu dominio, escudo dos teus direitos, despresaste-a á voz do inimigo que de longe te atraioava com perfidas caricias!

Extinguiste o pharol sagrado da fé que illumina va teu nome aureolado de bençãos e cortejado de respeitos; escurentou-se a senda radiosa da tua vida nacional, e, errante, resvalaste no abysmo!...

Ao negrume da tua ingratição corresponde o negrume do teu infortunio!

Guimarães.

*Conego Miranda.*



## 1.º DE DEZEMBRO

☉ dia 1.º de Dezembro é um dia de festa, de gloria, de enthusiasmo para todos os portuguezes.

E' um dos dias mais gloriosos dos annaes da nossa historia, porque commemora a redempção da patria!

Foi nesse dia que um grupo de verdadeiros portuguezes, com risco da propria vida, conseguiu arrancar a patria das garras aduncas dos Filippes, que sobre nós tinham cahido depois do desastre d'Alcacer-Kuibir!

Foi n'esse dia que Portugal, nação altiva e forte pelas suas heroicas tradições, então escrava, captiva e rojada aos pés de Castella, viu raiar a sua estrella redemptora, que dissipando a procella da ignominia em que vivia, expargiu a luz deslumbrante da independencia, lembrando-lhe os feitos com que seus filhos assombraram o mundo, e que tão bem cantados foram por Camões, esse immortal poeta, que, quando a patria morria, expirava tambem, deixando essa homerica Illiada,



que foi repetida de lingua em lingua, de povo em povo, como exemplo de acrisolado amor da patria!

259 annos nos separam d'essa data gloriosa; mas apesar d'isso, não ha nenhum portuguez, que não relembre com orgulho esse egregio feito!

E' que a revolução de 1640 é um dos factos mais heroicos da nossa epopeia nacional!

Barcellos, 1899.

*Delfino Esteves*



## DUAS INFELIZES



**N'** AQUELLA tenebrosa noite, n'aquella horrrosa noite do captiveiro de 60 annos, foi conspurcado o nosso valor, obscurecido o nosso brio, roubado o nosso patrimonio.

A flor da nossa mocidade, da nossa fidalga mocidade ia verter o sangue quente e generoso, aos campos da Catalunha, em um sacrificio hediondo ao carrasco, ao despota, ao leão traidor...

E lá ficaram tantas esperanças, acalentadas em sonhos de um porvir aurorisado de felicidades...

Lá se perderam tantas vidas, que eram o sustentaculo da nossa quasi extincta nobreza de coragem e tradições...

Lá se afogaram aquelles olhares, accesos na expectação d'uma desejada reivindicta de direitos perdidos, direitos sacratissimos — os da Liberdade e Independencia.

Ah, quantas mães não humedeceram de lagrimas, tristes como a saudade e pungentes como a propria dôr, a memoria dos filhos queridos da sua alma!

Quantas esposas não choraram a desolação da sua viuvez, na melancolia do lar solitario e viuvo!

Quantas noivas não cingiram os crepes de inconfortavel angustia!...

Não houve peito nenhum que não fosse atassalhado pelo tormento.

Era um cruciar agonioso e barbaro, uma agonia lancinante e crudelissima a que feria esta nação — *jardim da Europa á beira-mar plantado.*

O esfomeado tigre cravava as suas unhas carniceiras, cevava as suas garras, covardemente, na presa rica e apanhada, de improviso, quando mal despertava de um somno em que tivera um sonho doirado...

Mas... em 1 de Dezembro de 1640, a escrava levantou-se, em um estremecimento de herois-

mo, sacudindo os grilhões que lhe manietavam os membros entorpecidos e... foi outra vez livre.

Saudemol-a, a patria nossa valente e liberta.

Mas não depreciemos a outra, a que nos opprimiu.

Se n'aquelle tempo vimos na Catalunha desbotar-se a vida nos labios da nossa mocidade, a Hespanha assistiu, ha bem pouco ainda, conster-nada e infeliz, á morte de milhares de seus filhos, que iam defender uma joia preciosa da sua corôa.

Bem paga está ella do mal que nos causou.

Braga, 28 — XI — 99

*Corréa Gil.*



## DEUS, PATRIA E REI



Dia de glorias  
Immorredoiro  
Scripto na historia  
Em lettras d'oiro.

Os portuguezes,  
Brilhantes sóes,  
Em seus reveses  
Foram heroes.

N'um golpe austéro,  
Quebram, ufanos,  
O jugo fero  
De sessent'annos!

E, triumphantes,  
Almas de lei,  
Clamam, radiantés,  
Deus, Patria e Rei!

Braga, 26—11—99.

*Antonio Ferreira Augusto Junior.*

Academico do Lyceu



## Inconvenientes da Historia



**J**Á lá vão alguns annos.

Recorda-me ainda de que foi a revolução de 1640 que deu motivo á quebra das nossas relações.



Ella fallava-me, sempre, com enthusiasmo ardente das maravilhas do seu paiz. Desenhava-me as bellezas de Sevilha e contava-me, com immenso sentimento, lindas lendas das mouras encantadas de Granada.

Um dia fallamos d'Historia.

Descreveu-me uma a uma as aguerridas façanhas dos seus maiores e pôz-me em gloriosa evidencia todos os seus heroes.

Ouvia, mas não sei que lhe dissesse:

— Sem duvida que seria um povo unico, se não tivesse a escurecer-lhe as paginas da sua Historia a negra mancha dos 60 annos de captivo portuguez.

Ella baixou os olhos, reborisou-se e quasi que me não respondeu.

\* \*

Ao outro dia, pela manhã, muito cedo, eu recebia, em minha casa, todo o meu espolio amoroso, com uma carta cuja traducção dizia assim:

«Senhor. Procure outra mulher, que não tenha nas paginas da sua Historia patria um 1640».

Braga, 30 — 11 — 99.

*Baptista Ribeiro.*



## O dia 1.º de Dezembro

**V**AE para trez seculos que um punhado de valentes e leaes portuguezes, expulsou do solo querido da patria os usurpadores de Castella, sob cujo dominio estiveram, por longos e durissimos annos, os destinos d'este paiz.

A historia rememora os nomes aureolados d'esses heroes: e a patria, agradecida, consagra-lhes, n'este dia, a celebração devida por tão glorioso feito.

Honramo-nos, honrando-os; e só a consciencia d'este dever é que me decide a esquecer, por um momento, a minha obscuridade, para trazer, tambem, a esta commemoração patriotica o preito, modesto mas sincerissimo, da minha grande veneração pelos restauradores de 1640, de fulgentissima memoria.

Barcellos.

*Domingos Correia.*



# 1640

\*

**S**ESSENTA annos! sessenta annos de perenne enfraquecer, de continuo martyrio, era horrivel, era demais para um povo heroico.

Mas que lhe valia ter gerações de heroes, cheios d'acções gloriosas, se o poder e grandeza de Hespanha zombavam d'elles impunemente? «Era o mesmo que ter moinho e não ter vento».

Mas os sentimentos de amor patrio geraram-se na longa oppressão. E foi então que 40 heroes a fizeram levantár não como cadaveres que por muito tempo estiveram soterrados, mas como heroes que no decorrer de longos annos estiveram privados da liberdade.

*A. Soucasaux.*



Gostos desacordado estou sonhando,  
Abrindo as portas d'alma a pensamentos

.....

GABRIEL PEREIRA DE CASTRO—*Ulynea*, canto III Est. XLII

A Patria exulta e canta jubilosa  
das conquistas os prósperos intentos,  
meiga lembrança a rociar airosa,  
doce ventura a relembrar portentos  
que nos acariciam suavemente,  
nos baluciam ternas melodias,  
breve felicidade de outros dias  
que hão-de brilhar no mundo eternamentê.

E dos tempos d'outr'orade fulgor,  
lembram os factos d'immortal lampejo;  
os heroes, as centelhas de valor,  
hoje uma aurora nossa, um riso, um beijo  
que nos acaricia o coração,  
hoje uma esp'rança fúlgida tão doce  
que nos enleva, assim como se fosse,  
do paiz, a ridente salvação.

*Alberto de Madureira.*

